

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Leila de Abreu Fantini

O bem estar vocal na formação de professores

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

SÃO PAULO
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Leila de Abreu Fantini

O bem estar vocal na formação de professores

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Fonoaudiologia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Léslie Piccolotto Ferreira.

SÃO PAULO
2010

Termo de Aprovação

Banca Examinadora

Dedicatória

*Dedico esse trabalho aos professores:
profissionais que têm o direito a terem,
durante o período de graduação, o
conhecimento específico necessário para
exercício de sua profissão, para entrarem no
mercado de trabalho como profissionais
competentes e saudáveis.*

Agradecimentos

A Deus, que me deu a vida, saúde e VOZ para lutar e cantar pelos meus ideais, por um mundo mais justo e com mais amor.

À minha orientadora Profa. Dra. Léslie Piccolotto Ferreira que me recebeu com acolhimento desde o primeiro momento, antes do ingresso no curso. Que me nutriu na luta pela melhora da qualidade de vida dos professores brasileiros, sendo sempre um exemplo de dedicação e força.

A banca examinadora composta pelas Doutoradas Aline Wolf, Cecília Bonini, Emilse Merlin Servilha e Marta Assumpção de Andrada e Silva, pelas contribuições, tempo e dedicação.

A todos os professores, ao grupo de pesquisas Laborvox e aos colegas da PUC-SP, em especial Fabiana Cipriano e Adriana Esteves, que contribuíram de sua maneira particular.

Aos coordenadores de cursos de Pedagogia que participaram das entrevistas fornecendo contribuições valiosas.

A CAPES pela bolsa de estudos e incentivo à pesquisa.

Aos meus pais, Jorge Fantini e Márcia Carvalho de Abreu Fantini, por terem sido sempre exemplos de determinação na busca pelos sonhos.

Ao meu noivo, Augusto Bonturi von Zuben, que soube compreender a necessidade da distância para realização do mestrado e sempre amparou essa escolha com amor e carinho.

Aos meus familiares e amigos pelo apoio.

*O amor é um grande laço, um passo pr'uma armadilha.
Um lobo correndo em círculos pra alimentar a matilha.
Comparo sua chegada com a fuga de uma ilha.
Tanto engorda quanto mata feito desgosto de filha.
O amor é como um raio galopando em desafio.
Abre fendas cobre vales, revolta as águas dos rios.
Quem tentar seguir seu rastro se perderá no caminho.
Na pureza de um limão ou na solidão do espinho.
O amor e a agonia cerraram fogo no espaço.
Brigando horas a fio, o cio vence o cansaço.
E o coração de quem ama fica faltando um pedaço.
Que nem a lua minguando, que nem o meu nos seus braços.
(Djavan, Faltando um Pedaço)*

O BEM ESTAR VOCAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Leila de Abreu Fantini

RESUMO

Objetivo: Investigar a importância dada ao bem estar vocal na formação dos professores por coordenadores de Cursos de Pedagogia do estado de São Paulo.

Justificativa: O professor é um profissional em risco, muitas vezes, afastado de seu campo de trabalho devido a distúrbios de voz. **Hipótese:** A princípio, esse quadro pode

ser revertido a partir do momento em que o professor receba informações necessárias durante a sua formação. **Aspectos teórico-metodológicos:** Este estudo de natureza

qualitativa exploratória foi desenvolvido a partir de entrevistas semi-estruturadas áudio-gravadas com coordenadores de Pedagogia do Estado de São Paulo. Foram feitas as

perguntas: 1. O que significa saúde vocal para o/a senhor/a?; 2. Existem ações em prol da saúde vocal do professor na instituição que o/a senhor/a coordena? Quais?; 3. Como

o/a senhor/a enxerga a atuação do fonoaudiólogo junto à saúde vocal do professor? Os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Os dados foram

transcritos e os discursos classificados por similitude de frequência e conteúdo, agrupados em eixos temáticos. **Resultados obtidos:** Segundo os participantes, na

maioria das instituições não há programas contínuos de prevenção, destinados ao bem estar vocal do professor. A maioria concorda em ter, no espaço da universidade, um

fonoaudiólogo para assessorar o professor, por meio de orientação, ou encaminhamento a uma ação terapêutica quando um distúrbio vocal estiver instalado. Foi comentada a

inserção da saúde vocal no currículo de formação de professores. O conteúdo programático dos cursos de Pedagogia em que os coordenadores entrevistados atuam

foi levantado, e apesar dos coordenadores ressaltarem a importância do bem estar vocal, o currículo dos cursos não traz essa questão. Sugere-se a inserção de questões da saúde

do trabalhador nesses currículos, englobando o bem estar vocal.

palavras-chave: voz, docentes, educação

VOCAL HEALTH IN TEACHERS' GRADUATION

Leila de Abreu Fantini

ABSTRACT

Investigate the importance given to vocal health during teacher's graduation, by coordinators of Education courses of the state of *São Paulo*. Teachers are a professional at risk, many times, sent away from their work area due to voice disorders. This problem is universal, confirmed by studies. This situation can be overturned the moment teachers receive the necessary information, during his/her graduation. This study, of qualitative exploratory nature, was developed by semi-structured interviews recorded with coordinators of Education courses of the state of *São Paulo*. The following questions were asked: 1. What does vocal health mean to you?; 2. Are there actions in favor of vocal health in the institution you coordinate? Which actions?; 3. How do you see the function of the speech therapist in teachers' vocal health? The participants signed the *termo de consentimento livre e esclarecido*. The data was written and the speeches classified by frequency of similitude and content, grouped into theme categories. The coordinators mentioned parts of the concept of vocal health. According to the participants, in most of the institutions, there aren't any continuous prevention programs designated to teacher's vocal health. The majority agrees in having a speech therapist in the university to assist the teachers, through orientation or speech therapy, when a disorder already exists. The insertion of vocal health in teacher's graduation curriculum was commented. The programmed content of the Education courses in which the coordinators work was brought up, and even though the coordinators highlight the importance of vocal health, the curriculums of the courses do not mention this subject. We propose the insertion of themes regarding workers' health in these curriculums, including vocal health.

keywords: voice, teaching, education

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	OBJETIVO	12
3	REVISÃO DE LITERATURA	13
	3.1 Legislação e Políticas Públicas: Saúde do Trabalhador	13
	3.2 Pesquisas relacionadas à voz do professor	16
4	MÉTODOS	23
	4.1 Tipo ou delineamento de estudo	23
	4.2 Preceitos Éticos	23
	4.3 Critérios de seleção de sujeitos	23
	4.4 Coleta de dados – entrevista semi-estruturada	23
	4.5 Análise de dados	24
5	RESULTADOS	29
6	DISCUSSÃO	36
	6.1 Considerações Finais	46
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
8	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	55
	ANEXOS	
	Anexo 1 – Aprovação do Comitê de Ética	57
	Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	58

1 INTRODUÇÃO

Durante meu processo de formação superior como pedagoga, além de cursar a faculdade, atuava na educação infantil de um colégio particular da cidade de Campinas, estudava música e trabalhava como vocalista de Música Popular Brasileira. O uso vocal era excessivo, portanto, busquei auxílio de uma fonoaudióloga, que me ensinou a preparar a voz no começo do dia antes de dar aula, por meio de orientação sobre os cuidados como profissional da voz.

Nessa época dialogava com colegas de faculdade, que atuavam como estagiários ou professores efetivos em salas de aula, e ouvia queixas referentes à voz. Ao perceber o quanto o conhecimento de voz era importante para o meu exercício profissional como professora, surgiu uma pergunta: Por que não há orientação de preparo vocal nos cursos de formação de professores?

A voz profissional é considerada como uma forma de comunicação oral usada por pessoas que precisam dela para desempenhar sua atividade profissional (CEREST/CCD/SES-SP, 2006). O uso profissional da voz implica que o sujeito adquire seu sustento por meio dela, portanto ele precisa de orientações sobre técnicas e cuidados para o uso adequado da voz. Em especial, é imprescindível que os alunos do curso de Pedagogia, que são ou serão professores, tenham informações sobre sua voz durante o processo de formação superior (SILVANY et al., 2000; MASSON, 2001; SIMÕES e LATORRE, 2002; FERREIRA et al., 2003).

Além disso, os problemas relativos aos cuidados com a voz do professor se inserem na rede complexa que conecta dois setores: saúde e trabalho. Sendo assim, é preciso compreender o problema da voz do professor no âmbito da saúde do trabalhador. Os dados mostram a importância dessa abordagem, pois as medidas que deveriam assegurar a saúde do trabalhador, em seu sentido mais amplo, acabam por restringir-se a intervenções pontuais sobre os riscos mais evidentes (MINAYO, 1997).

Há uma distância entre a produção de conhecimento na área da voz do professor e a aplicação de medidas concretas. As soluções são imediatistas e não contemplam investimentos na formação profissional, indispensáveis à garantia da qualidade de vida no trabalho. A legislação reconhece as doenças profissionais peculiares ou inerentes a determinados ramos de atividades (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/BRASIL, 2001), entretanto, cuidados com a saúde do trabalhador como componente humanizados do trabalho, não têm presença assegurada

na formulação e no desenvolvimento de programas específicos direcionados à promoção da saúde dos trabalhadores.

Durante sua formação e após a mesma, o educador deve compreender mais sobre sua própria saúde, entender as relações entre trabalho e saúde, e conhecer as doenças que podem ser acometidas no trabalho. A prevenção de agravos, a assistência mediante diagnóstico, o tratamento e a reabilitação, são de extrema importância para a promoção e proteção da saúde. Além disso, é fundamental que o educador compreenda o seu papel na transformação de processos e ambientes de trabalho, como sujeito no planejamento e implementação de ações. Igualmente o educador deve refletir sobre questões ambientais, uma vez que estas podem interferir em sua saúde. Apesar de ser essencial que o professor tenha essa visão crítica, é observado que ele sequer se enxerga como trabalhador. Na maioria dos casos ser professor é visto como vocação e não profissão.

Dentre os chamados profissionais da voz, o professor é o que se expõe a maior risco vocal. Segundo Dragone *et al* (2008), dos quinhentos trabalhos da área da Fonoaudiologia que pesquisam a questão da voz do professor, muitos confirmam a necessidade de um trabalho específico para essa categoria profissional durante o período de formação. Ferreira *et al* (2009), pesquisaram em território nacional as leis que versam sobre saúde vocal e encontraram um total de 22 documentos, na sua maioria com foco no professor. Considerando o número de casas legislativas, pode-se dizer que esse número é pequeno e o fato mais agravante é que dentre as existentes poucas são efetivas.

Muitos trabalhos demonstram que os professores utilizam a voz de forma incorreta, fato que explica a ocorrência de alterações vocais. Pinto e Furck (1988), em um dos trabalhos pioneiros da área, comentam que os professores, na maioria das vezes, falam excessivamente e com intensidade elevada para sobrepor os ruídos do ambiente, oriundos de dentro ou de fora da sala de aula. Além disso, a tensão observada na musculatura cervical, a postura e respiração inapropriadas dificultam a projeção vocal. Os pisos, paredes e forro das salas também contribuem para que, em pouco tempo, surjam os problemas de voz.

Segundo Chieppe e Ferreira (2007), o professor deve ter sensibilidade para perceber que a sala de aula é um espaço propício para inúmeras possibilidades de interação. Se isso não ocorre ele fica impossibilitado de se identificar como um agente de comunicação, sem considerar as questões do bem estar vocal.

Ao partir desse cenário, a pesquisa aqui proposta apresenta as seguintes premissas: 1. Os professores dependem da voz para estabelecerem diálogos e construir o conhecimento com seus alunos; 2. A voz é compreendida como instrumento de trabalho e de expressão fundamental no processo ensino-aprendizagem; e 3. O professor apresenta uma série de queixas referentes à voz e essas são constatadas em pesquisas realizadas principalmente pelos fonoaudiólogos. Portanto, é essencial que o professor tenha preparo vocal adequado, durante o processo de formação superior, para poder exercer a profissão com êxito.

Supõe-se que se os alunos de graduação em Pedagogia obtiverem informações sobre o bem estar vocal durante o processo de formação, e se os mesmos se sensibilizarem com tal orientação incorporando-a em suas práticas pedagógicas e discutindo-a sob o enfoque da saúde do trabalhador, o número de futuros professores com problemas vocais diminuirá. Com o decréscimo da demanda dos serviços públicos de saúde melhores resultados serão alcançados na área da Educação brasileira. A partir desse entendimento propõe-se direcionar propostas futuras que possam subsidiar ações para capacitar o professor a cuidar de sua saúde e, conseqüentemente, de sua voz.

2 OBJETIVO

Investigar a importância dada ao bem estar vocal na formação dos professores por coordenadores de Cursos de Pedagogia do estado de São Paulo.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Para efeitos didáticos, o capítulo a seguir foi dividido em duas partes: a primeira trata das questões políticas que envolvem a saúde do trabalhador, e a segunda das pesquisas relacionadas à voz do professor. Em cada uma das partes, não houve respeito à cronologia das citações, mas sim à lógica de encadeamento de idéias.

3.1 Legislação e Políticas Públicas: Saúde do Trabalhador

Em pesquisa no *site* do Ministério da Educação (BRASIL, 2009, s/p), encontram-se os seguintes pareceres referentes ao curso de graduação em Pedagogia:

1) Parecer CNE/CP nº 5, de 13 de dezembro de 2005, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia;

2) Parecer CNE/CP nº 3, de 21 de fevereiro de 2006, Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2005, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia;

3) Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura;

4) Parecer CNE/CP nº 3, de 17 de abril de 2007, Consulta sobre a implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia, decorrentes da aprovação dos Pareceres CNE/CP nº 5/2005 e nº 3/2006, bem como da publicação da Resolução CNE/CP nº 1/2006; e

5) Parecer CNE/CP nº 9/2009, aprovado em 2 de junho de 2009, Esclarecimento sobre a qualificação dos Licenciados em Pedagogia antes da Lei nº 9.394/96, para o exercício das atuais funções de gestão escolar e atividades correlatas; e sobre a complementação de estudos, com apostilamento.

Observa-se na leitura dos mesmos que nenhum documento acima menciona a questão da saúde do trabalhador.

As Diretrizes e Bases da Educação Nacional em sua Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, trazem no artigo Art. 67 (BRASIL, 1996, s/p):

Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: VI - condições adequadas de trabalho.

A única menção à questão da saúde na LDB 9.394 se dá no Art. 4º (BRASIL, 1996, s/p):

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: VIII - atendimento ao educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

A saúde do trabalhador não é mencionada na LDB 9.394.

A Lei nº 6.514 de 22 de dezembro de 1977 rege e a NR-5 do Ministério do Trabalho regulamenta a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA). Essa foi consentida pela portaria nº 3.214 de 08 de junho de 1976, anunciada em 29 de dezembro de 1994 e modificada em 15 de fevereiro de 1995. e “tem como objetivo a prevenção de acidentes e doenças decorrentes do trabalho, de modo a tornar compatível permanentemente o trabalho com a preservação da vida e a promoção da saúde do trabalhador.” (CIPA, 1995, s/p)

Em 2003, o Ministério da Saúde criou a Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do Sistema Único de Saúde, Humaniza SUS (BRASIL, 2003, s/p). Dentre as premissas estão:

1) Valorização dos diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde: usuários, trabalhadores e gestores; 2) Fomento da autonomia e do protagonismo desses sujeitos e dos coletivos; 3) Aumento do grau de co-responsabilidade na produção de saúde e de sujeitos; 4) Estabelecimento de vínculos solidários e de participação coletiva no processo de gestão; 5) Mapeamento e interação com as demandas sociais, coletivas e subjetivas de saúde; 6) Defesa de um SUS que reconhece a diversidade do povo brasileiro e a todos oferece a mesma atenção à saúde, sem distinção de idade, etnia, origem, gênero e orientação sexual; 7) Mudança nos modelos de atenção e gestão em sua indissociabilidade, tendo como foco as necessidades dos cidadãos, a produção de saúde e o próprio processo de trabalho em saúde, valorizando os trabalhadores e as relações sociais no trabalho; 8) Proposta de um trabalho coletivo para que o SUS seja mais acolhedor, mais ágil e mais resolutivo; 9)- Compromisso com a qualificação da ambiência, melhorando as condições de trabalho e de atendimento; e 10) Compromisso com a articulação dos processos de formação com os serviços e práticas de saúde.

Os três princípios do Humaniza SUS (BRASIL, 2003, s/p). são:

1) Inseparabilidade entre a atenção e a gestão dos processos de produção de saúde - Refere-se a práticas interdependentes e complementares. A incorporação da humanização deve ocorrer considerando-se tal entendimento.; 2) Transversalidade - Trata-se de concepções e práticas que atravessam as diferentes ações e instâncias, que aumentam o grau de abertura da comunicação intra e intergrupos e ampliam as grupalidades, o que se reflete em mudanças nas práticas de saúde.; 3) Autonomia e protagonismo dos sujeitos - Têm relação com a co-responsabilidade entre gestores, usuários e a participação coletiva nos processos e na gestão.

O exame admissional, estabelecido pela equipe de saúde do trabalhador, é um dos primeiros contatos do trabalhador com a Instituição em que irá exercer seu ofício. A meta principal é cuidar da saúde do trabalhador e prevenir acidentes e doenças ocupacionais, e incentivar a vigilância e promoção de saúde. (BRASIL, 1991, s/p) Dentre os objetivos estão:

1) Permitir que o novo servidor receba as primeiras noções sobre as questões de Saúde Ocupacional e riscos no ambiente e no processo de trabalho que irá desenvolver; 2) Permitir que os servidores recém concursados conheçam o estado real de sua saúde, com orientação quanto à possível solução de patologias eventualmente encontradas e promoção de Saúde; 3) Contribuir para que a lotação de servidores possa ser feita em serviços mais adequados às suas condições físicas e psíquicas; 4) Cumprimento do Estatuto dos Funcionários públicos civis da União, republicado no D.O.U. de 18/3/1998; Lei nº 8112 de 11/12/1990 que dispõe sobre o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis da União: Artigo 14 - A posse em cargo público dependerá de prévia inspeção médica oficial. Parágrafo único: Só poderá ser empossado aquele que for julgado apto física e mentalmente para o exercício do cargo; e 5) Cumprimento das disposições legais que tornam esse exame obrigatório; Lei 6.514 portaria 3.214 - NR.7 do Ministério do Trabalho.

O exame admissional é composto por oito etapas: “Entrevista/anamnese ocupacional e clínica; abordagem educativa e informativa; avaliação de sinais vitais, peso e altura; avaliação de saúde oral; exame físico; avaliação de exames laboratoriais; avaliação de caderneta de vacinação; emissão do Atestado de Saúde Ocupacional – ASO.” (BRASIL, 1991, s/p) ele tem validade entre 1 a 2 anos, após esse período um exame periódico de saúde deve ser realizado.

A Lei número 8.080, de 19 de setembro de 1990, aponta a proteção, promoção e recuperação da saúde, e a disposição e aplicação dos serviços apropriados para tal fim. O Artigo 2º cita que “a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício.” (BRASIL, 1990, s/p) o Artigo 3º determina que a saúde inclui trabalho, renda, educação, moradia, alimentação, saneamento básico, transporte, lazer, meio ambiente e acesso a bens e serviços. “Por força do disposto no artigo anterior, se destinam a garantir às pessoas e à coletividade condições de bem-estar físico, mental e social.” (BRASIL, 1990, s/p)

De acordo com o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Estado de São Paulo, a saúde do trabalhador é de extrema importância para o desenvolvimento do estado. O Ministério da Saúde argumenta que a saúde do trabalhador deve ser vista como guia para as políticas de segurança e saúde do trabalho no SUS, Sistema Único de Saúde. Além disso, solidificou a Rede Nacional de Saúde Integral do Trabalhador, ou Renast, como uma institucionalização da saúde do trabalhador no SUS. Sendo assim, o Cerest/SP, Centro de Referência em Saúde do Trabalhador

de São Paulo, partindo dos princípios da Renast, tem considerado o tema da saúde vocal de trabalhadores que empregam a voz como instrumento primordial de trabalho (CEREST/CCD/SES-SP, 2006, s/p).

Conforme consta no Manual de Doenças Relacionadas ao Trabalho (2001), uma das doenças causadas pelo trabalho é a laringotraqueíte. Ela caracteriza inflamações de traquéia e laringe, normalmente é bacteriana ou viral. Quando o caso é agudo, o trabalhador apresenta disfonia, tosse e dor na laringe. O tratamento da laringotraqueíte demanda repouso vocal e afastamento do trabalho. Para prevenir, é necessária vigilância dos ambientes e de condições adequadas de trabalho. Existem outras doenças como: edema de Reinke e pólipos de corda vocal.

Em especial, sobre leis que promovem a saúde vocal, Ferreira et al (2009), realizaram levantamento das leis publicadas no Brasil e encontraram 22 documentos. A maioria era leis de estaduais da região sudeste, indicadas pelo poder legislativo. A viabilização dessas leis depende de um trabalho conjunto entre secretarias de saúde e educação estaduais. Cursos anuais ministrados por fonoaudiólogos foram propostos (90,91%), terapia fonoaudiológica ou tratamento médico para professores com disfonia (77,27%), e propostas de promoção à reabilitação (13,64%) em que 9,09% levaram em conta os direitos do professor como trabalhador. As autoras, contudo, concluem que ao considerar a quantidade de casas legislativas no território brasileiro, o número de leis é pequeno, particularmente ao considerar o bem estar vocal. Também são necessários recursos financeiros para viabilizar tais leis.

3.2 Pesquisas relacionadas à voz do professor

O professor é o profissional mais estudado na área da Fonoaudiologia e, portanto, diversos autores pesquisam as questões relacionadas à voz do professor há muitos anos (LABASTIDA, 1961; COOPER, 1973; UNGER e BASTIAN, 1981; GOTAAS, 1986; CALAS et al., 1989; GREEN, 1989; GOTAAS e STAR, 1993; SAPIR, 1993; FRITZELL, 1996; SMITH, 1997; MASTISKE, 1998), e isso persiste atualmente (FERREIRA et al., 2003; ROY et al., 2004; OLIVEIRA e FIORINI, 2005; SWARTZ e CIELO, 2005; TRONI et al., 2006; SIMÕES, 2006; CHIEPPE e FERREIRA, 2007; GAMPEL, 2007; ASSUNÇÃO, BARRETO e MEDEIROS, 2007; LIMA e FERREIRA, 2007; PAPARELLI, 2009; ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2009).

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no Brasil há 2,6 milhões de professores de Educação Básica e Ensino Superior (BRASIL, 2003). É evidente que o número de docentes no Brasil é elevado e, ele é um profissional que faz uso intenso da voz durante o trabalho, muitas vezes em condições desfavoráveis. Dragone *et al* (2009) analisaram as características das publicações em território brasileiro que mencionavam a voz do professor, de 1994 a 2008. Quatro categorias foram criadas: 1) avaliação dos sujeitos 2) avaliação do resultado de intervenções; 3) detalhamento de intervenções; 4) pesquisas teóricas, bibliográficas e documentais. Quinhentas publicações foram categorizadas, sendo 415 (83%) de avaliações e destas 357 (86%) com a meta de avaliar os sujeitos e/ou as condições de trabalho, e 58 (14%) para avaliar as conseqüências de programas de intervenção. Em relação à extensão de análise das avaliações, a mais usada foi a perspectiva dos professores (52,5% das análises), e em seguida análises perceptivo-auditivas feitas por fonoaudiólogos (15,2% das análises), e por último a avaliação da organização do trabalho e do ambiente (14,9% das análises). Na divisão chamada de descritivos de intervenção havia 31 (6,2%) trabalhos, e na categoria teórica, bibliográfica e documental 54 (10,8%). As autoras concluíram que a avaliação vocal foi privilegiada nos estudos, enquanto estudos de intervenção representaram número menor, mas com tendência a crescimento.

Em relação a professores, diversos fatores devem ser considerados ao se pensar no bem estar vocal e na saúde como um todo. Dentre esses fatores estão: fase educacional de atuação do professor (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio ou Superior); número de horas de trabalho (horas/aula); ambiente físico de trabalho, incluindo presença de ruído ou poeira, tamanho da sala de aula, mudanças térmicas, ar condicionado; saúde e hábitos do professor como ser fumante, consumir álcool, ser alérgico (giz), ter alterações auditivas, dores no corpo, dores de cabeça, ou tomar algum medicamento para controlar a ansiedade, hábitos alimentares; sofre violência verbal ou situações de indisciplina advinda dos alunos; aspectos vocais inadequados, como falar muito, gritar, cantar em outros locais, participar de debates, palestras; apresenta problemas psíquicos. (COORDENADORIA DE CONTROLE DE DOENÇAS, SECRETARIA DE ESTADO DE SÃO PAULO, 2009).

Ao se pensar na fase educacional de atuação do professor, pesquisas mostram a alteração de voz em professores de Educação Infantil. A criança aprende por meio do canto e seu desenvolvimento motor é aguçado pelas ações e gestos envolvidos nas músicas, que tornam o

cantar, com o uso de expressões corporais, essencial. O professor atende a essa necessidade realizando o canto em grupo, em roda ou em outros momentos do seu dia a dia. Entretanto, ele pouco percebe a necessidade de cuidar de sua voz para desempenhar esse papel. O mau uso de sua voz apresenta conseqüências ruins para o professor de Educação Infantil. Há uma exigência vocal e, portanto, ele está em risco ao utilizar a voz incorretamente. Simões (2006), com o intuito de atenuar a constatação de alterações vocais em educadores de creche, sugeriu um programa de intervenção, criado com os próprios educadores. Ao final, analisou a opinião dos professores em relação à voz adequada, avaliou as mudanças após a realização do programa e os fatores relacionados a alterações de voz. As educadoras definiram a voz ideal como resistente, clara, agradável e flexível. As 58 participantes foram divididas em grupo experimental e grupo controle, responderam questionários e participaram de uma avaliação inicial de voz e fala. O programa de intervenção foi desenvolvido pelo grupo experimental. Ao final do estudo, as educadoras passaram novamente pelos mesmos procedimentos de avaliação. O grupo experimental apresentou mudanças positivas após a intervenção: afirmaram que a acústica da sala estava mais favorável, estavam ingerindo mais água, e coordenando melhor a respiração. O grupo controle apontou modificações negativas: falaram com a cabeça abaixada e com mais força, estavam com mais insegurança no trabalho, menos autonomia de decisão e menos apoio do supervisor.

No Ensino Fundamental o professor utiliza o grito como recurso para atrair a atenção do aluno, enquanto no Ensino Superior ele tende a aumentar a intensidade de sua voz pelo número maior de alunos em classe. (SERVILHA, 1998)

Existe relação entre o aumento do trabalho escolar e doenças de professores. Quando as atividades das escolas são intensificadas não há paralelamente um programa de preparo e apoio para tal aumento, fato que prejudica a saúde do professor e o trabalho em sala de aula. A sobrecarga leva ao desgaste, que tem como alicerce a forma de organização do trabalho dos professores (DELCOR et al., 2004; ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2009).

Três pesquisas (SAPIR et al., 1993; FERREIRA et al., 2003; ROY, et al. 2004) concluíram que pelo menos 50% dos sujeitos professores apresentavam problemas de voz devido à presença de diversos fatores de risco relacionados ao trabalho. Pensando na questão do distúrbio de voz relacionado ao trabalho, diversas pesquisas buscaram compreender essa relação (OLIVEIRA e FIORINI, 2005; CEREST/CCD/SES-SP, 2006). Oliveira e Fiorini (2005),

afirmam que é complexo pensar em distúrbios vocais como uma doença relacionada ao trabalho. Em sua pesquisa, estudaram as relações entre qualidade de vida, condições no trabalho e percepção da voz nos professores e, identificaram a presença de queixa vocal relacionada a trabalho. Trezentos e dezenove professores do Ensino Médio, da rede municipal da cidade de Belo Horizonte, participaram da pesquisa e preencheram três protocolos: levantamento pessoal e profissional, levantamento de qualidade de vida e, avaliação de percepção de qualidade de vida e voz. Ao final, foi concluído que 48,9% dos professores apresentaram queixa, houve relação entre queixa vocal e problemas emocionais, digestivos, de sons intensos, processos alérgicos (rinite) e do aparelho fonador (laringite, faringite, bronquite, sinusite), poeira e ruído.

A saúde e os hábitos do professor são muito importantes e influem na produção da voz. Tensões musculares, má postura, posicionamento incorreto, ausência de atividade física, alimentação incorreta (alimentar-se rapidamente sem mastigar os alimentos), entre outros, podem prejudicar a voz. (FERREIRA e ANDRADA E SILVA, 2002; TRONI et al., 2006). Um corpo bem posicionado e relaxado implica em uma respiração saudável que propicia boa qualidade vocal. É necessário ter um abastecimento nasal suave e uma expiração livre. Também é importante exercitar a análise do conhecimento corporal vocal, para perceber possíveis desvios e com isso modificar aos poucos algum comportamento incorreto. É provável que o indivíduo fale com mais força para conseguir ser escutado (SERVILHA, 1998), e é essencial que os professores conheçam a influência da postura e da articulação para uma produção saudável da voz. Troni *et al* (2006), compararam professores com e sem queixa vocal por meio de gravações dentro e fora de seus locais de trabalho e concluíram que a postura pode levar a um problema vocal, ou tornar pior um problema pré existente.

A partir do estudo de Gampel (2007), com idosos, surge mais um questionamento: será que a educação de 40 anos atrás é igual à de hoje? Hoje o professor sofre com um fator denominado indisciplina. A indisciplina escolar é o descumprimento das normas determinadas pela escola e outras legislações, como o Estatuto da Criança e do Adolescente. Ela significa desrespeito com o próximo, seja esse um colega, professor, diretor, ou até mesmo a ausência de consideração com a instituição por meio de pichação, depredação, etc. (RODRIGUES, 2006) Muitos alunos não vêm a escola como sendo deles, não cuidam do local com apreço e dedicação. Sem falar nas ameaças verbais, que se estendem para fora dela. As consequências são: um professor que teme os alunos, não consegue dividir seu conhecimento com eles, incapacitado

de exercer sua função e sem voz em todos os sentidos da palavra. Enfrentar esse grande problema é função da comunidade escolar: professores, diretores e administradores, alunos e pais, e demais funcionários. (AQUINO, 1998)

Ao se considerar aspectos vocais do professor, Servilha e Monteiro (2007), investigaram as estratégias usadas por docentes para conseguir a atenção de seus discentes, incluindo recursos de voz. A aula expositiva predomina, apesar de trazer mais abuso vocal, devido ao tempo que o professor fala e ao fato dele falar com intensidade para ser ouvido por toda a sala. Além disso, a participação do aluno é praticamente anulada. Ainda, os docentes mencionaram outras técnicas de ensino para condução da aula: expositiva dialogada, debate, seminário, questionário e discussão em grupo. Suas estratégias para conter a atenção dos discentes foram divididas em três categorias: 1) recursos do professor: linguagem estruturada, articulada, com variação de frequência e intensidade, ênfase e pausa, contato visual e gestos; 2) recursos externos: instrumentos audiovisuais; 3) relação entre teoria e prática: contextualização da discussão e exemplos de experiências próprias. Muitas vezes, esses métodos não eram eficazes, e os professores mudavam a dinâmica da aula, conversavam e criavam uma sensação de expectativa em seus alunos.

Nessa mesma direção, Behlau, Dragone e Nagano (2004), sugerem sinais de alerta, como palmas e falar bem baixo, além de mudar a atividade durante o tempo de aula para evitar monotonia e desatenção. Masson (2001), explica que recursos audiovisuais intercalados à aula são um grande aliado do professor, pois conseguem motivar e captar a atenção do aluno, e promovem o descanso vocal necessário para o profissional.

O adoecimento da voz do professor é constantemente mencionado em pesquisas, e ele é um dos profissionais com maior risco de desenvolver distúrbios vocais. Essa prevalência é preocupante, portanto, é necessário implantar programas de prevenção (LIMA e FERREIRA, 2007). Ao serem considerados aspectos sócio demográficos foi observada, em algumas pesquisas, relação entre alteração vocal e aumento da idade do professor (ROY et al., 2004; GAMPEL, 2007).

Outro aspecto considerado em pesquisas é o sexo do professor. A maior parte dos professores são do sexo feminino. (FERREIRA et al., 2003; SWARTZ e CIELO, 2005) De 32 mil professores do município de São Paulo, Ferreira *et al.* (2003), analisaram uma amostra de 422, que responderam um questionário com 87 questões para verificar suas condições de

produção vocal. Ao final, foi constatado que a maior parte desse grupo é composto por mulheres entre 29 e 49 anos de idade que exercem a profissão há mais de nove anos, falam excessivamente sem nenhum tipo de orientação vocal apresentam em torno de dois sintomas vocais e 60% relatam queixa de alteração vocal no passado.

Chieppe e Ferreira (2007), buscaram compreender a relação entre Fonoaudiologia e Educação e constataram que os professores entrevistados não consideram a Fonoaudiologia como área de interlocução, fora às situações de reabilitação. Esse resultado fere a relação entre esses dois campos, causando a desvalorização da questão do bem estar vocal do professor. Ao final do estudo, foi comentada a importância de apresentar temas relacionados à voz do professor durante seu processo de formação para então, fortalecer os laços entre a Fonoaudiologia e a Educação. Apesar do grande número de autores da área da Educação que tratam da questão da comunicação, pontuando sua importância para o professor, não existe coerência com a quantidade e qualidade de ações com vistas à melhoria do bem estar vocal do professor. (CHIEPPE e FERREIRA, 2007)

Os professores não demonstram compreender que um distúrbio vocal pode ser prevenido. Os dados apontam que 50% a 80% dos professores do Brasil declaram queixas de cansaço vocal, números maiores quando comparados aos Estados Unidos, Espanha, e à Finlândia, países com índices entre 18 e 32% (ASSUNÇÃO, BARRETO E MEDEIROS, 2007) De um lado percebe-se uma questão de natureza econômica: o problema com as verbas destinadas à Educação e o fato de muitos professores serem mal remunerados. Do outro, o problema social: a desvalorização do professor na sociedade e a agressão. Para Assunção, Barreto e Medeiros (2007), reverter a situação atual significa voltar a reconhecer a profissão econômica e socialmente. Essas autoras apontam os cursos de licenciatura como veículo para essa mudança, ao desenvolverem competências pedagógicas necessárias para o exercício dessa profissão. O ponto crucial, apontado pelas pesquisadoras, ressaltado na literatura, é a influência de problemas vocais na qualidade do aprendizado do aluno.

Paparelli (2009) comenta que desde 1990, devido à criação de programas de regularização de fluxo escolar, a escola passou a ser considerada um local produtivista. O professor se tornou um aplicador de tarefas, intensificando a desvalorização da educação. A autora na seqüência discute o problema do desgaste mental dos professores que trabalham na rede pública de ensino, e busca responder às seguintes perguntas: quais são os principais determinantes do desgaste mental de professores de ensino fundamental nas escolas públicas atuais? Como eles aparecem na

vivência dos professores? Que formas de enfrentamento e de resistência estão sendo engendradas pelos trabalhadores? Foram entrevistados professores de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, que haviam sido readaptados, afastados do cargo por problemas mentais. Os dados mostraram que em uma escola com seriação os ciclos agravam as condições de trabalho dos professores, pois não é possível reprovar alunos, diminuindo o respeito pela opinião do docente, crescendo a indisciplina e contribuindo para a falta de interesse do aluno em aprender. O professor acaba renunciando ao seu papel de educar e tendo sério desgaste mental

4 MÉTODOS

4.1 Tipo ou delineamento de estudo

Este estudo, de natureza qualitativa exploratória, foi constituído de coleta e análise de fontes orais.

4.2 Preceitos Éticos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob o número 125/2008. (Anexo 1), e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado em respeito à resolução 196/96 (Anexo 2)

4.3. Critérios de seleção de sujeitos

Optou-se por considerar sujeitos da pesquisa coordenadores de cursos de Pedagogia de instituições públicas e particulares de ensino superior das cidades de Campinas, São Paulo, e Sorocaba, do estado de São Paulo. Inicialmente, por conveniência, uma coordenadora foi contatada e na seqüência, por meio de sistema de rede, um(a) foi indicando outro(a). Ao final oito coordenadores participaram da pesquisa. Os sujeitos foram contatados por *e-mail* e/ou telefone, e a pesquisadora explicou o procedimento da entrevista e solicitou a participação dos mesmos.

4.4 Coleta de dados – entrevista semi-estruturada

Foi realizada uma entrevista piloto com um coordenador de curso de Pedagogia, para confirmar a clareza das questões para o levantamento de dados e o tempo que as mesmas demandavam.

Ao final, as perguntas que estavam extensas e prejudicavam as respostas do sujeito foram substituídas por outras mais diretas e objetivas, e após os ajustes as perguntas foram:

1. O que significa saúde vocal para o/a senhor/a?¹

¹ No início desta pesquisa o termo “saúde vocal” era utilizado. Atualmente, considerando que a saúde deve ser vista como um todo sem o recorte em diferentes órgãos (auditiva, vocal, mental etc) optou-se pela designação “bem estar vocal”. Por ocasião das perguntas foi utilizado “saúde vocal”.

2. Existem ações em prol da saúde vocal do professor na instituição que o/a senhor/a coordena? Quais?

3. Como o/a senhor/a vê a atuação do fonoaudiólogo junto à saúde vocal do professor?

As entrevistas foram realizadas em dia e espaço favoráveis a cada indivíduo, no período compreendido entre outubro de 2008 a julho de 2009, e foram áudio gravadas pela pesquisadora com gravador Sony Ericsson modelo W380, colocado sobre a mesa em local próximo ao entrevistado.

Ao início de cada entrevista foi realizada a caracterização de cada sujeito quanto a sexo, data de nascimento, formação, titulação, e tempo em cargo de coordenação, e a seguir as perguntas foram apresentadas.

O termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue aos sujeitos ao final da entrevista, para garantir a não interferência da leitura do mesmo nas respostas dos participantes. A identidade dos mesmos foi mantida em sigilo.

4.5 Análise de dados

Os dados foram transcritos segundo proposta de Pretti (2001). As questões foram consideradas eixos de significado e as diversas leituras das respostas dos coordenadores, a cada uma delas, permitiu seu agrupamento em sub eixos por similitude de frequência e conteúdo, conforme a proposta de Minayo (2004).

Para a primeira pergunta, a partir do fator mais marcante na fala de cada coordenador de Pedagogia, obteve-se para o eixo 1, denominado Conceito de saúde vocal, quatro sub eixos, a saber: bom uso, boas condições fisiológicas, boas condições ambientais e facilitação de relações. Os critérios estabelecidos para o agrupamento estão descritos no **Quadro 1**.

Quadro 1 - Apresentação das perguntas e consequentes eixos e sub eixos temáticos e critérios, utilizados para a análise

Pergunta	Eixo	Sub-eixo	Crítérios
O que significa saúde vocal para o/a senhor/a	conceito de saúde vocal	bom uso	menção ao uso da voz no trabalho ou em situações gerais
		boas condições fisiológicas	menção ao aspecto orgânico ou fisiológico da produção vocal
		boas condições ambientais	Menção às condições do ambiente de trabalho que possam ter relação com a voz do professor
		facilitação de relações	menção à importância da voz nas relações sociais e qualquer outro processo dialógico e interativo

Para a segunda pergunta, referente ao eixo 2, denominado Ações em prol da saúde vocal, foram definidos seis sub eixos, a saber: existência ou não, desenvolver conhecimento, desenvolver atitudes, adequação dos aspectos físicos e voz como ferramenta. Os critérios estabelecidos para o agrupamento estão descritos no **Quadro 2**.

Quadro 2 - Apresentação das perguntas e consequentes eixos e sub eixos temáticos e critérios utilizados para a análise

Pergunta	Eixo	Sub eixo	Crítérios
Existem ações em prol da saúde vocal do professor na instituição que o/a senhor/a coordena? Quais?	ações em prol da saúde vocal	não existe	qualquer afirmação da não existência de ações em prol da saúde vocal
		existe	toda menção de ações em prol da saúde vocal
		desenvolver conhecimento	toda citação relativa a ações de informação
		desenvolver atitudes	qualquer ação que traga conseqüências no comportamento do professor
		voz como ferramenta	toda frase que comente a importância do espaço em que o professor está inserido
		voz como ferramenta	qualquer afirmação que identifique a voz como instrumento de trabalho do professor

Em relação à terceira pergunta, para o eixo 3, denominado Atuação do Fonoaudiólogo junto à saúde vocal do professor, foram criados seis sub eixos, a saber: níveis de ensino,

orientação, prevenção e proteção, reabilitação, voz que auxilia educador e currículo. Os critérios estabelecidos para o agrupamento estão descritos no **Quadro 3**.

Quadro 3 - Apresentação das perguntas e consequentes eixos e sub eixos temáticos e critérios utilizados para a análise

Pergunta	Eixo	Sub-eixo	Crítérios
Como o/a senhor/a vê a atuação do fonoaudiólogo junto à saúde vocal do professor?	atuação do Fonoaudiólogo junto à saúde vocal do professor	níveis de ensino	qualquer menção que mostrasse a diferença da atuação do professor em diferentes níveis da educação
		orientação	qualquer comentário a respeito de conhecimento fornecido pelo fonoaudiólogo para o educador
		prevenção e proteção	todo tipo de ação preventiva citada; para reabilitação, qualquer ação terapêutica que o fonoaudiólogo pode trabalhar com o professor
		voz que auxilia educador	todas as falas que mencionaram a relação entre voz e educação
		currículo	qualquer menção à inserção de conhecimentos técnicos da área da Fonoaudiologia durante a formação do pedagogo

Por fim, a análise foi apresentada acompanhada de trechos do discurso dos participantes, explicitados pela letra *P* e número (de 1 a 8). Cada participante, a partir da característica mais marcante de sua fala, foi também classificado segundo um determinado adjetivo (ex: *P1 - voz da do*, pois a fala é marcada pela dor causada por problemas vocais).

A Figura 1 exemplifica os procedimentos explicitados neste capítulo.

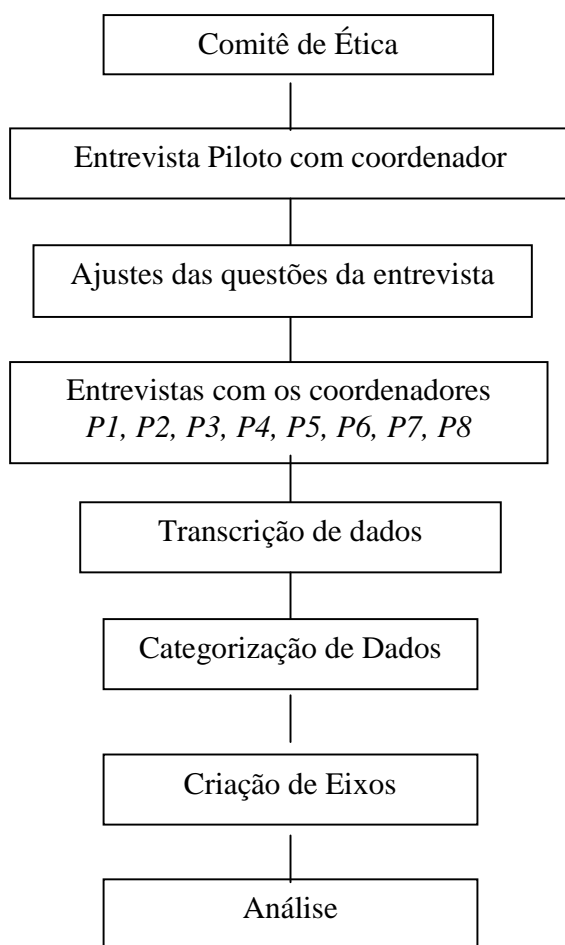


Figura 1 – Fluxograma das etapas que foram desenvolvidas para a realização desta pesquisa.

5 RESULTADOS

Os sujeitos da pesquisa foram sete coordenadores do sexo feminino e um do masculino. A idade dos mesmos variou entre 44 e 60 anos, e o tempo de coordenação entre um ano e meio e 38 anos. Dos oito, seis possuem graduação em Pedagogia, um em Letras, um em Física e um em Matemática. Um coordenador é especialista em Psicopedagogia e Educação, e outro é especialista em Saúde Pública. Sete têm mestrado: três em Educação, um em Lingüística, um em Ciências Sociais, um em Saúde Pública e um em Física. Todos cursaram doutorado: cinco em Educação, um em Lingüística, um em Saúde Pública e um em História e Epistemologia da Ciência. Um tem Livre Docência em Educação.

O **Quadro 4** explicita os quatro sub eixos criados a partir das respostas dadas pelos coordenadores à primeira pergunta, que pesquisou o significado de saúde vocal, a saber: bom uso (*P1, P4, P5, P6, P7, P8*), boas condições fisiológicas (*P3, P4, P6, P7*) boas condições ambientais (*P3*), e facilitação de relações interpessoais (*P1, P2*).

Quadro 4 - Sub eixos do eixo conceito de saúde vocal, a partir das respostas da primeira pergunta da entrevista (O que significa saúde vocal para o senhor/a?)

Sub Eixo	Resposta coordenador
Bom uso	<p><i>Saúde vocal pra mim significa, você usar a voz de forma que não te traga sofrimento, (P1)</i></p> <p><i>mediante a sua correta utilização pelo indivíduo, no caso, o professor. Para que isto ocorra o professor deve desenvolver conhecimentos, atitudes e práticas em termos de prevenção, promoção e manutenção deste aspecto da sua saúde.(P 4)</i></p> <p><i>Bom, saúde vocal significa, de uma maneira geral, você ter condições de falar adequadamente, se expressar adequadamente,(P5)</i></p> <p><i>ter um timbre de voz audível a todos e não fazer grande esforço para isso,(P5)</i></p> <p><i>Saúde vocal eu não sei, eu imagino que é o, fazer bom uso da voz,(P6)</i></p> <p><i>Saúde vocal significa poder fazer uso da voz em sua potência total, (P7)</i></p> <p><i>Como todos nós, professores, dependemos da voz para trabalhar, considero a saúde vocal, fundamental para o exercício da profissão. (S8)</i></p>
Boas condições fisiológicas	<p><i>Saúde vocal significa boas condições do aparelho fonológico, orgânico, (P3)</i></p> <p><i>Faz parte da saúde como um todo, não é possível dissociá-la da saúde geral, em seu conceito mais amplo. Seria, por consequência, o perfeito funcionamento dos órgãos responsáveis pela elaboração da voz, ou seja, do aparelho fonador, (P4)</i></p> <p><i>com uma respiração adequada, não se cansar,(P6)</i></p> <p><i>sem estar passando por restrições causadas por ferimentos no aparelho fonador.(P7)</i></p>
Boas condições ambientais	<p><i>aliada às condições ambientais favoráveis que não causem estresse. (P3)</i></p>
Facilitação de relações interpessoais	<p><i>nem pra quem usa e nem pra quem ouve. (P1)</i></p> <p><i>Bom, saúde vocal é, significa todo aspecto de facilitação da relação social, pessoal e emocional que coloca ou que mantém numa dada entidade numa instituição ou num processo educativo é qualquer. Então é o aprimoramento dessa relação, é o é a, a face mais importante é do colóquio, da construção do vínculo, da interação e da interatividade entre as pessoas que trabalham em conjunto. (P2)</i></p>

O **Quadro 5** evidencia os seis sub eixos gerados a partir das respostas dadas pelos coordenadores à segunda pergunta, que pesquisou a existência de ações em prol da saúde vocal do professor, a saber: não existe (*P4, P5, P6, P8*). existe (*P1, P2, P3, P5, P7, P8*), desenvolver conhecimento (*P2, P3, P5, P7, P8*), desenvolver atitudes (*P1*), adequação a aspectos físicos (*P3*), e voz como ferramenta (*P2*).

Quadro 5 – Sub eixos do eixo ações em prol da saúde vocal, a partir das respostas da segunda pergunta da entrevista (Existem ações em prol da saúde vocal do professor na instituição que o/a senhor/a coordena? Quais?)

Sub Eixo	Resposta coordenador
Não existe	<p><i>Não há programas de prevenção destinados à saúde vocal do professor, nem mesmo à geral. (P4)</i></p> <p><i>Não, não existe nenhuma ação. (P5)</i></p> <p><i>mas não há um projeto constante para a saúde vocal do professor. (P5)</i></p> <p><i>Que eu saiba não. Têm, têm ações, é gozado até né, segurança do trabalho, mas é muito mais voltado pros funcionários técnicos né, pros professores eu desconheço. (P6)</i></p> <p><i>Além dessa ação não há nenhuma outra ação de caráter sistemático, (P8)</i></p>
Existe	<p><i>É aqui, eu sou daqui da instituição X, né, aqui existem sim as campanhas organizadas pelo pós graduação, pelo módulo de voz, e... (P1)</i></p> <p><i>É existe. (P2)</i></p> <p><i>As ações consistem em... ? (P3)</i></p> <p><i>Excepcionalmente há alguém da área de fonoaudiologia que, (P5)</i></p> <p><i>Há docentes específicos que se preocupam com a temática (P7)</i></p> <p><i>A instituição disponibiliza água para o consumo dos professores durante o período de suas aulas. (P8)</i></p> <p><i>apenas ações esporádicas (S8)</i></p>
Desenvolver conhecimento	<p><i>Nós temos não só aqui na Pedagogia como também na Fonoaudiologia e de uma forma geral na instituição X todo um empenho do curso de Fonoaudiologia no sentido de é fazer com que as pessoas tomem consciência da importância que a voz desempenha no...na profissão educação-educador, né, (P2)</i></p> <p><i>em reuniões que faz parte do nosso trabalho. E, é, é, e? também com o setor, é eu acho que pega todos os setores, o setor de ensino o setor de pesquisa e o setor de secção? universitária. (P2)</i></p> <p><i>orientações específicas quando há casos de rouquidão, perda frequente de voz. (P3)</i></p> <p><i>que se prontifica a fazer uma palestra, geralmente numa semana que é, eu não sei dizer se é semana da fonoaudiologia ou é semana da saúde vocal, se prontifica a fazer uma palestra para os docentes e mesmo para os alunos da licenciatura, (P5)</i></p> <p><i>e que fazem orientações em aulas, principalmente nas voltadas ao estágio curricular. (P7)</i></p> <p><i>através de palestras e oficinas (P8)</i></p>
Desenvolver atitudes	<i>então eu observo por exemplo que atualmente é comum que os professores se preocupem com o copo d'água. (P1)</i>
Adequação a aspectos físicos	<i>salas de aula com acústica adequada, uso de microfone quando o número de participantes ultrapassa sessenta, (P3)</i>
Voz como ferramenta	<i>porque a gente lida com um instrumento uma ferramenta fundamental na relação é professor-aluno, é coordenação- coordenados, é de? (P2)</i>

O **Quadro 6** abaixo exhibe as respostas dos coordenadores à terceira pergunta, que analisou a atuação do fonoaudiólogo junto à saúde vocal do professor, dentro dos sub eixos: níveis de ensino (*P6, P7*), orientação (*P1, P3, P5, P6, P7*), prevenção/proteção (*P2, P3, P4, P8*), reabilitação (*P3, P7*), voz auxilia educador (*P2, P4, P5, P6*), e currículo (*P5, P7*).

Quadro 6 – Sub eixos do eixo atuação do fonoaudiólogo junto à saúde vocal do professor, a partir das respostas da terceira pergunta da entrevista (Como o/a senhor/a vê a atuação do fonoaudiólogo junto à saúde vocal do professor?)

Sub Eixo	Resposta coordenador
Níveis de ensino	<p><i>Olha é, eu acho que seria essencial, né. Eu, nós temos uma diferença na universidade né, a gente dá muito poucas aulas né, comparado com os professores em geral. Então provavelmente esse problema não é muito perceptível aqui né, cê fica sabendo de um ou outro que acaba por um excesso uma, né, talvez um mau uso da voz, acaba tendo problemas. Eu tinha um colega que teve problemas aqui, mas ele tratou no X não foi nada aqui dentro. Mas quando eu lembro dos professores de escola pública, né, ou das, do ensino médio com quem eu trabalho muito, é muito comum né, essas pessoas terem esses problemas. (P6)</i></p> <p><i>articulados às instituições de ensino (inclusive universidade), (P7)</i></p>
Orientação	<p><i>A voz, pra não perder a voz, o professor fica muito rouco, né, perde muito a voz. Eu perdia bastante também quando eu comecei. Eu ficava tensa, terminava uma aula cumprida com muitos alunos eu tava rouca, né. Tinha que tomar mel pra manter um pouco. E..então eu acho que essas coisas que o professor ignora, né, a gente esquece, na hora de dar aula esquece de se cuidar, enfim, então o fonoaudiólogo pra mim tem esse papel de orientar, alertar, enfim esclarecer, e fazer a gente perceber que tem jeito de dar aula sem fazer tão mal, né, sem se machucar tanto. (P1)</i></p> <p><i>suas orientações promovem orientações adequadas (P3)</i></p> <p><i>Bom, eu, eu sinto que poderia ser uma orientação. O fonoaudiólogo poderia dar uma orientação, mas não uma orientação esporádica, seria uma orientação constante. (P5)</i></p> <p><i>para que o professor tivesse orientação a respeito da sua saúde vocal. (P5)</i></p> <p><i>ou uma orientação, algum fonoaudiólogo na faculdade, sobre essa orientação vocal aos formandos, (P5)</i></p> <p><i>Então eu imagino que uma parte desse, desse mau uso da voz é falta de orientação, (P6)</i></p> <p><i>Creio que seria interessante haver espaço de orientação de uso da voz em serviços públicos de saúde, (P7)</i></p> <p><i>oferecendo informações e serviços via panfletos,(P7)</i></p>
Prevenção/proteção	<p><i>É fundamental é na medida em que ele faz um trabalho preventivo, protetivo e através de mecanismos e estratégias é e exercícios (P2)</i></p> <p><i>Vejo como positiva, pois nos casos preventivos (P3)</i></p> <p><i>A minha percepção seria de um profissional que, ao contribuir com a especificidade de sua área de conhecimentos/formação, poderia desenvolver os programas preventivos, em todos os níveis de prevenção: primário, secundário e terciário, que são questionados no item anterior. (P4)</i></p> <p><i>O fonoaudiólogo é o especialista, e, como tal, deve ser o profissional indicado para cuidar dos problemas já existentes e na prevenção de outros. (P8)</i></p> <p><i>e nos casos de tratamento especializado, também. (P3)</i></p>
Reabilitação	<p><i>atendimentos,(P7)</i></p>
Voz auxilia educador	<p><i>capazes de fazer com que a nossa profissão, a nossa função como educador, como coordenador né, seja eficiente, eficaz, efetiva. (P2)</i></p> <p><i>Como se trata de questões que envolvem a educação em saúde, estes programas deveriam ter início com um processo que desencadeasse a valorização da voz do professor, como seu principal instrumento de trabalho. Comentou este aspecto, de forma rápida, em minha tese. (P4)</i></p> <p><i>aos alunos que pretendem ser docentes. (P5)</i></p> <p><i>quando a gente não considera a voz um instrumento de trabalho. (P6)</i></p>
Currículo	<p><i>Talvez até algo que fizesse parte do próprio curso ou da própria? Do próprio currículo mesmo do curso, (P5)</i></p> <p><i>Como por exemplo, nós fazemos em relação à língua portuguesa, ou ao inglês, à introdução à informática, que são bases para o professor poder atuar no seu campo de trabalho. E seria interessante a gente ter algo também não sei se em termos de disciplina, (P5)</i></p> <p><i>formações pontuais (P7)</i></p>

O fator mais marcante na fala de cada coordenador é apresentado no **Quadro 7**.

Quadro 7 – Denominação do participante a partir do fator marcante em sua fala

Participante	Voz da....	Justificativa
P1	dor	Menciona dor causada por problemas vocais.
P2	coordenação	Elementos presentes em seu discurso são referentes à relação entre coordenação e docentes.
P3 e P8	orientação fonoaudiológica	Comentam a importância dessa orientação e consideram o fonoaudiólogo como o profissional adequado para amenizar ou eliminar os problemas de voz existentes e na prevenção para que não ocorram novos.
P4	prevenção	Cita a necessidade de uma ação preventiva.
P5	currículo	Sugere a inserção do bem-estar vocal nos currículos das universidades.
P6	profissional	Comenta a importância da voz, como instrumento profissional do professor.
P7	articulação entre saúde e ensino	Propõe o trabalho conjunto entre serviços públicos de saúde e instituições de ensino.

6 DISCUSSÃO

A discussão dos dados da pesquisa encontra suporte na teoria de Minayo (2004). Nessa proposta de investigação social, comentada por Bardin em 1979 (apud Minayo, 2004), encontram-se três alicerces: buscar possíveis comentários em relação às respostas, administrar provas, confirmando hipóteses e levantando outras, e não considerar somente uma interpretação óbvia, um olhar imediato e espontâneo. Assim, acredita-se no tratamento dos dados a partir da análise de conteúdos.

Os participantes ao definirem saúde vocal em resposta à primeira pergunta da entrevista, embora não de forma unânime, conseguiram explanar sobre as diversas vertentes da voz. Eles fizeram relação desse termo com quatro sub eixos: bom uso, boas condições fisiológicas, boas condições ambientais, e facilitação de relações interpessoais. O sub eixo bom uso foi mencionado por seis participantes (*P1, P4, P5, P6, P7, P8*), dentre eles, *P1* comentou a questão da voz atrelada ao sofrimento. Esse quadro faz parte da realidade de muitos professores que ficam impossibilitados de trabalhar devido a problemas vocais graves. Já *P5* afirmou que é necessário ter uma voz audível sem esforços, enquanto *P7* menciona fazer o uso da voz em sua potência total. Esses comentários remetem ao estudo de Servilha e Monteiro (2007), quando elas comentam que os professores fazem uso da intensidade para chamarem e manterem a atenção dos alunos. Um participante (*P8*) levantou a questão da voz ser essencial para o exercício da profissão, e justificou ao dizer que professores dependem da voz para trabalhar.

Também em relação à primeira pergunta, o sub eixo boas condições fisiológicas foi mencionado por quatro participantes (*P3, P4, P6, P7*). Para *P3* saúde vocal é ter qualidade do aparelho fonoaudiológico. *P4* mencionou que não é possível desassociar da voz da saúde geral e ressaltou que para isso é necessário o funcionamento dos órgãos responsáveis pela elaboração da voz. *P6* comenta a questão da respiração adequada, ou seja, falar sem se cansar, que é confirmada pelas pesquisas de Pinto e Furck (1988) e de Simões (2006). *P7* aponta que para ter saúde vocal é necessário ausência de ferimentos no aparelho fonador, o que é confirmado pelo Manual de Doenças Relacionadas ao Trabalho (2001), pois ele classifica uma doença do aparelho fonador, a laringotraqueíte.

Fatores relacionados a boas condições ambientais possibilitaram a criação deste sub eixo, mencionado por um participante (*P3*), que afirmou que condições favoráveis evitam estresse. O

sub eixo facilitação de relações interpessoais foi levantado por dois coordenadores, *P1* e *P2*. *P2* abordou a importância da voz e do diálogo para construir um vínculo entre todos os agentes do processo educativo, na realização de um trabalho em conjunto.

Acredita-se que o primeiro sub eixo denominado bom uso foi mais abordado, pois certamente é o mais comentado em ações de promoção de saúde e prevenção de distúrbios vocais realizadas pelos fonoaudiólogos. Importante ressaltar que apesar de apenas mais recentemente o fonoaudiólogo destacar em suas ações a voz enquanto expressão (FERREIRA et al., 2004) dois dos participantes fizeram menção.

Partindo do conceito de que saúde vocal (bem estar vocal, atualmente) inclui medidas de prevenção e proteção de saúde, o documento do CEREST/CCD/SES-SP (2006) intitulado *Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho* traz algumas exigências:

1) identificação precoce de queixas e alterações vocais; 2) realização de exame médico e avaliação fonoaudiológica periodicamente; 3) ações educativo-terapêuticas voltadas à adequada utilização da voz como meio de expressão dos trabalhadores, tais como noções sobre anatomofisiologia do aparelho fonador, cuidados vocais, aquecimento e desaquecimento vocal e expressividade vocal; 4) identificação e redução/eliminação dos riscos existentes à saúde vocal no ambiente e/ou organização do trabalho e ações educativas voltadas à promoção de saúde e prevenção de queixas/alterações vocais, como a participação em Sipat (Semana Interna de Prevenção de Acidentes), palestras, campanhas, oficinas e treinamentos específicos.

Em relação às respostas à segunda pergunta da entrevista, de acordo com os coordenadores *P4*, *P5*, *P6*, e *P8*, na maioria das instituições não há programas contínuos de prevenção, destinados à saúde vocal do professor e sim ações isoladas como palestras em semanas especiais; nada que concretize um trabalho completo e eficaz que traga reflexão. Entende-se como ação isolada um trabalho preventivo de pequena escala, como mencionados pela maioria dos participantes (*P1*, *P2*, *P3*, *P5*, *P7*, e *P8*). A ausência de continuidade não sustenta o processo de discussão, reflexão e amadurecimento do trabalhador como agente participativo de sua prática portanto, limita a amplitude de seu exercício profissional. Ainda, os participantes comentaram que esse tipo de ação promove o desenvolvimento de conhecimento (*P2*, *P3*, *P5*, *P7*, *P8*), e de atitudes (*P1*). A adequação de aspectos físicos e voz como ferramenta de trabalho foram mencionadas por um coordenador cada, *P3* e *P2*, respectivamente.

Quatro entrevistados concordam em ter, no espaço da universidade, um fonoaudiólogo para orientar os futuros professores, como medidas de prevenção/proteção (*P2*, *P3*, *P4*, *P8*). Quatro coordenadores mencionaram que esse tipo de informação auxilia o educador (*P2*, *P4*, *P5*,

P6), seja por meio de orientação (*P1, P3, P5, P6, P7*), ou para encaminhar a uma ação terapêutica, quando um problema vocal estiver instalado, (*P3, P7*). Ao se pensar em medidas de prevenção e promoção de saúde, *P2* sugere estratégias e exercícios, como trabalhados por diversos pesquisadores em programas de intervenção (PINTO e FURCK, 1988; THOME DE SOUZA, 1997; PINTO e FURCK, 2001; JACARANDÁ, 2006; BOVO et al., 2006).

P4 e *P8* comentam a importância de ter um profissional (o fonoaudiólogo) para fornecer informações específicas de sua área de conhecimento e desenvolver, dessa maneira, programas terapêuticos e preventivos. Ao ser levada em conta a discussão abordada por Minayo (1997), é possível notar que o professor deve conhecer as doenças que podem ser acometidas devido ao seu exercício profissional. Ele precisa ter assistência de diagnóstico e de tratamento, mas acima de tudo, ter conhecimento de sua função como educador. Especialistas de cada área devem ser chamados para essas discussões, pois são questões fundamentalmente interdisciplinares.

Para *P6*, o mau uso da voz é justificado pela ausência de orientação adequada. Contudo, é necessário que o fonoaudiólogo oriente o educador e que haja um trabalho contínuo e em conjunto, fato reforçado pelo comentário de *P5*. Segundo os participantes desta pesquisa, a orientação aos estudantes de Pedagogia pode ser feita em dois locais: *P5* menciona a própria faculdade, reforçada pelos estudos de Pinto e Furck (1988), e *P7* serviços públicos de saúde.

Um participante (*P1*) comentou que o professor fica constantemente rouco e que ele/ela ficava afônica no início da carreira profissional, pois tinha um número elevado de alunos. Segundo o/a coordenador/a, isso causava tensão. Essa tensão, para Pinto e Furck (1988), dificulta a projeção vocal adequada para se ter bem estar vocal. Além disso, *P1* apontou que o professor ignora essas questões relacionadas à voz e esquece dos cuidados necessários. Essa carência é confirmada pela pesquisa de Chieppe e Ferreira (2007). *P1* levantou a questão da orientação realizada pelo fonoaudiólogo para o educador como solução do problema.

Dois participantes comentaram a questão do nível de ensino, no qual o professor atua (*P6, P7*), e um deles mencionou o fato do professor universitário ter menos problemas que professores da rede pública e do Ensino Médio. Em pesquisa realizada com trezentos e dezenove professores de Ensino Médio, Oliveira e Fiorini (2005) constataram que quase 50% apresentavam queixa vocal.

É essencial apontar que foi comentada a inserção da saúde vocal no currículo de formação de professores (*P5, P7*). *P5* comentou que o bem estar vocal é um alicerce para o exercício

profissional do pedagogo. É importante lembrar que o trabalho a ser realizado com o professor deve considerar não apenas a preservação de seu instrumento de trabalho, mas também mostrar a ele a vertente da voz enquanto expressão, aspecto importante na relação entre professores e alunos. O professor deve perceber que a expressão verbal, aliada à corporal, pode provocar uma melhoria de qualidade em suas aulas. (FERREIRA et al., 2004)

Interessante notar que recentemente, de forma eficaz, foi proposta a inserção da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma disciplina curricular, nos cursos de formação de professores em favor do exercício do magistério, decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Da mesma forma, questões relacionadas à saúde do trabalhador deveriam ser incluídas, pois são necessárias para a docência.

O conteúdo programático dos cursos de Pedagogia, em que os coordenadores entrevistados atuam, foi levantado e, nenhuma grade curricular citou questões voltadas à saúde do trabalhador, portanto é possível chegar à conclusão de que elas não refletem preocupação com esse tema. Na comparação desse material com o conteúdo das respostas das entrevistas, não há correspondência, pois, apesar dos coordenadores ressaltarem a importância do bem estar vocal, o currículo dos cursos não traz essa questão para a sala de aula dos universitários. Para a primeira pergunta: *o que significa saúde vocal para o senhor/a*, encontra-se dois trechos marcantes: um que comenta que o professor deve ter conhecimento e praticar a prevenção e promoção de sua saúde (P4), e outro que comenta que a saúde vocal é essencial para o exercício profissional dos professores, pois são dependentes da voz para trabalhar (P8). Esses comentários reforçam a inserção de questões sobre a saúde do trabalhador nos currículos, englobando o bem estar vocal.

É importante observar que os currículos, em todas as instituições pesquisadas, mencionam questões ligadas ao desempenho do profissional pedagogo. Por exemplo, a instituição coordenada por P5, frisa que uma das habilidades do pedagogo deve ser a facilidade de comunicação. O curso coordenado por P8, inclui na grade as disciplinas *Didática I* e *Práticas de Docência e Gestão I* no início do curso. A faculdade coordenada por P2, menciona em seu projeto pedagógico a importância da prática de trabalho pedagógico e de ações que consolidem a formação do pedagogo. A instituição coordenada por P4, destaca como atividades principais do pedagogo a capacidade de planejar as etapas do processo de ensino, dotando-o de qualidade. A graduação coordenada por P3, ressalta que a carreira do pedagogo implica na formação de um profissional que também atua em equipes multidisciplinares, com psicopedagogos, psicólogos e

fonoaudiólogos. Não foi encontrada a grade curricular do curso coordenado por *PI*. Sugere-se que as disciplinas dos cursos de Pedagogia mencionados focalizem questões de formação do professor que conduzam à geração de trabalhadores preocupados com o seu dia-a-dia e sua saúde. Decidiu-se não revelar os *sites* onde os currículos foram consultados, para garantir a proteção e sigilo dos participantes da pesquisa.

Em relação ao conteúdo das entrevistas, acredita-se que a formação do pedagogo poderia ter sido mais discutida pelos coordenadores; porém, uma possível explicação é o descompasso entre a área da saúde e da educação. A questão da saúde do professor como trabalhador, por exemplo, não é abordada em nenhum documento encontrado no *site* do Ministério da Educação e Cultura. Contudo, a importância do diálogo está sempre presente nos documentos pesquisados. Para que o professor estabeleça um diálogo de qualidade, deve conhecer mais sobre sua saúde, o que engloba o bem estar vocal. É necessário que ele tenha uma voz audível para se comunicar com clareza e ser entendido pelos seus alunos (BRASIL, 2009, s/p).

A saúde do aluno é de extrema importância para o papel de educar e construir conhecimento, assim como a saúde do professor. Porém, a última não é mencionada nos documentos. Professores que têm comprometimento e que são críticos, não aceitam as leis sem questioná-las são levados à conclusão de que não são considerados como atores no processo de aprendizagem, pelo menos no que se refere às questões de saúde. Por outro lado, os educadores que não questionam, aceitam as adversidades como parte de sua missão, carregam um fardo de sacrifícios e privação, e contribuem para o processo de desvalorização do papel do professor.

Essa desistência em educar significa, ao mesmo tempo, uma renúncia ao sentido do trabalho docente. Esse processo passa a gerar intenso desgaste mental do educador, aumento da indisciplina e do desinteresse do aluno por uma escola cujo objetivo tornou-se basicamente credencialista (PAPARELLI, 2009). Sob essas condições, os alunos que até os anos 1980 viviam a exclusão *da* escola, agora nela permanecem, mas sem aprender, vivendo a exclusão *na* escola. As inúmeras tentativas docentes de reverter esse quadro acabam, frequentemente, transformando-se em estratégias para minimizar o desgaste no trabalho, sendo concretizadas em ações que representam uma espécie de renúncia ao papel de educador.

No entanto, se os coordenadores de Pedagogia conhecem e têm autonomia para proposição de alterações curriculares como coordenadores de cursos, porque não o fazem? Para Viola e Ferreira (2005), os professores não demonstram a mesma preocupação em relação à sua

voz que outros profissionais, como atores e radialistas. As pesquisadoras acreditam que isso ocorre porque eles acabam utilizando outros recursos didáticos, que substituem a voz quando o professor encontra-se afônico. Além disso, ao serem admitidos em um emprego, na maioria das vezes, não são submetidos a avaliação vocal.

Na pesquisa de Chieppe e Ferreira (2007), uma professora comenta que a Fonoaudiologia é uma área ligada ao corpo e à saúde, sendo assim pressupõe-se que esses domínios não competem às faculdades da Educação. Interessante pensar professores sem corpo, sem postura, movimento e expressão, assim como pensá-los sem saúde, doentes afônicos e ausentes. Curioso também observar outro comentário da mesma professora, que afirma que entraria em depressão se ficasse impossibilitada de se comunicar. Isto mostra a falta de preocupação com a causa do problema e foco nas conseqüências causadas por ele. Além disso, não existem disciplinas a respeito da comunicação no processo de formação de professores, e essa ausência é recebida de forma natural. Em relação ao professor, algo deve ser feito para modificar essa posição, mas a quem cabe a proposição da mudança? Ao Fonoaudiólogo? Ao Pedagogo?

Minayo (1997), ao refletir sobre os alicerces práticos e teóricos que interferem na área da Saúde do Trabalhador, dentro da Saúde Coletiva, considera as várias facetas da relação entre trabalho e saúde. A autora lembra que o tema é complexo e, portanto, é necessário ter especialistas de diversas áreas para possibilitar uma discussão interdisciplinar.

Pode-se verificar que as condições de trabalho são um grave problema. Muitas salas excedem o número de alunos permitido por lei, não há ventilação adequada ou água em algum local próximo, o giz causa alergia para muitos, a remuneração é baixa, o ruído está acima dos limites, a acústica é inadequada, entre outros problemas que fazem dessa profissão um trabalho pouco desejado pelos jovens que estão escolhendo um futuro ofício. (MATTISKE, 1998; SERVILHA e MONTEIRO, 2007; COORDENADORIA DE CONTROLE DE DOENÇAS, SECRETARIA DE ESTADO DE SÃO PAULO, 2009).

O bem estar vocal é uma consequência de um estado de saúde geral. Quando as condições de trabalho são ruins, a voz do professor não deve estar diferente. Além disso, a profissão Pedagogo está em extinção, uma vez que menos jovens procuram essa profissão, frustrados por suas péssimas condições profissionais, incluindo o salário. O pouco investimento da área da educação na formação do professores agrava o quadro. Trabalhar a área da saúde, fazer cumprir as leis, melhoraria esse quadro.

Existe um movimento atuante em relação à saúde de trabalhadores da área de recursos humanos, porém não se observa o mesmo para os professores. O professor não aprende a questionar e discutir suas condições de trabalho durante seu período de formação. Acredita-se, que a única forma de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem mútuo entre professor e aluno é prepará-lo para refletir, ter consciência do seu papel e de seus direitos. Para isso, é necessário que ele compreenda a importante relação entre trabalho e saúde em todos os seus aspectos, incluindo o bem estar vocal. Devido ao fato de não existir nada sobre a voz, em seu processo de formação no ensino superior, ele não se ocupa da voz; adoece e vai para a clínica, para a reabilitação. Após esse longo processo ele é readaptado e poucos voltam para a sala de aula, o que cria um *déficit* no processo educacional. Em pesquisa realizada com profissionais que trabalham na Prefeitura de São Paulo, 97% de suas readaptações são por distúrbios da voz e estão localizadas em profissões da área da educação: professores, auxiliares e coordenadores. (FERREIRA *et al*, 2006).

A Fonoaudiologia é muitas vezes entendida somente como intervenção terapêutica ou algo que não acrescenta valores dentro do âmbito escolar. O professor procura ajuda quando se encontra com problemas graves, sendo a doença fundamental para haver diálogo terapêutico entre Fonoaudiologia e Educação. O futuro docente deve ser preparado durante a graduação para compreender o seu importante papel como educador responsável pelo desenvolvimento de seus alunos, e sempre discutir seus direitos como trabalhador.

Apesar dos avanços tecnológicos e para não perder o aspecto humanista na relação ensino aprendizagem, a educação presencial se faz necessária. Ela tem como característica fundamental o uso da voz, além do prazer envolvido na relação entre professor e aluno e a troca de informações. A comunicação é uma ferramenta do professor que deve ser desenvolvida, trabalhada, para que o conhecimento possa ser compartilhado entre outros docentes e alunos. A informação, o conteúdo, é comunicado através da voz (VASCONCELLOS, 2003). A sociedade depende do professor e dessa forma, a melhora na produção vocal do professor é prioritária, e se mostra como um procedimento de baixo custo, considerando-se os benefícios à saúde dos professores e ao processo ensino aprendizagem.

Da mesma forma como se instrui um médico com aulas técnicas de equipamentos cirúrgicos, um engenheiro com aulas de cálculo, o professor deve ser instruído com respeito a seu instrumento de trabalho: a voz. Entretanto, a prevalência dos distúrbios de voz não vai ser

revertida apenas pelos subsídios dados ao professor para que possa cuidar da sua voz. São necessárias ações para melhorar as condições ambientais e organizacionais de trabalho e fazer do professor um agente de sua própria saúde. O sistema de saúde público tem como absorver prevenção e tratamento de profissionais da voz? Existem estratégias para desenvolvimento de ações nesta área?

Com a melhora da qualidade vocal do professor, o país diminuiria o seu gasto com reabilitação, faltas, licenças e substituições de professores. Além disso, o conhecimento de aspectos técnicos relacionados à saúde, e consequentemente à voz, permitiria que o professor também atuasse no sentido de detectar problemas vocais em seus alunos, muitos dos quais podem ser revertidos, quando tratados prematuramente por profissionais da área de Fonoaudiologia.

Problemas vocais em professores influem na qualidade do aprendizado do aluno (ASSUNÇÃO, MEDEIROS e BARRETO et al., 2007). Fantini e Ferreira (2008), acreditam que essa correlação é a peça chave para se atingir os responsáveis pelo estabelecimento de diretrizes curriculares nacionais. Argumenta-se que o professor formado com informações a respeito da saúde vocal, além de não causar prejuízo financeiro para o Estado, poderá oferecer mais qualidade de ensino para os alunos.

Para uma ação de intervenção ser bem sucedida, ela depende de uma série de fatores: uma avaliação instrumental e clínica da voz com entendimento clínico do fonoaudiólogo, diagnóstico médico, aceitação e colaboração do paciente em relação à proposta terapêutica e a maneira como o clínico motiva a condição da aderência. (WOLF, 2009). Provavelmente, a primeira iniciativa na direção de inclusão da saúde vocal, atualmente bem estar vocal, na educação brasileira tenha sido proposta por Silveira Bueno (apud THOME DE SOUZA, 1997), que apresentou um manual para normalistas (na época denominação daqueles que se preparavam para serem professores de séries iniciais), orientando o futuro professor a cuidar de sua voz. Sem efetivar essa proposta, com o passar dos anos, diversos projetos de leis sobre bem-estar vocal foram aprovados no Brasil, embora muitos tenham ficado apenas no papel.

Em 1988, Pinto e Furck constataram que diversos professores, da Rede Municipal de São Paulo, não haviam recebido informações a respeito da utilização da voz profissional durante a faculdade. Aqueles que apresentavam distúrbios vocais graves e acabavam solicitando licença médica, eram readaptados, mas abandonavam a sala de aula. Diversos fatores alarmantes levaram à necessidade imediata de um projeto de saúde vocal para professores. Participaram deste estudo

1060 professores formados e em processo de formação, e sua duração foi de 30 horas. As autoras mostraram a eles os aspectos positivos do preparo vocal de professores e pontuaram a necessidade dos últimos obterem informações valiosas, ainda durante a graduação, para não apresentarem problemas vocais futuros. Por meio das informações e da prática de exercícios, os professores reconstruíram a sua conduta vocal de maneira mais harmoniosa, e, conseqüentemente, houve uma melhoria em suas aulas e na comunicação com seus alunos (PINTO e FURCK, 1998). Em 2001, as pesquisadoras ampliaram esse trabalho oferecendo dois programas, um de orientação fonoaudiológica a educadores, com foco nos alunos, e outro de saúde vocal para professores (PINTO e FURCK, 2001).

Para Garcia (2002), programas de prevenção a problemas vocais devem ser trabalhados durante a formação acadêmica de profissionais, que utilizam a voz como principal fonte de trabalho e construção de conhecimento. O objetivo é oferecer uma reconstrução de comportamento vocal, buscando harmonia de comunicação. Isso é feito a partir da análise contínua de vivências corporais vocais que provocam sensações internas, possibilitando o auto conhecimento e compreensão da conduta vocal de cada um. Em 1999, dois grupos participaram de um programa desse tipo - os participantes foram entrevistados com a finalidade de se obter informações pessoais: queixas vocais, alérgicas, hábitos como fumo e álcool. Após essa etapa, apresentou-se o grupo para uma análise vocal realizada pelo fonoaudiólogo, onde foram observadas as dificuldades e peculiaridades vocais. Quando comparados os dados anteriormente e posteriormente à intervenção, foi observado que o programa teve uma ação preventiva da voz e melhorou a comunicação oral dos participantes.

Poucos estudos avaliam a efetividade de programas de intervenção de prevenção vocal. Bovo *et al* (2006), trabalharam com 254 professores. Durante três meses, os professores fizeram um curso completo com palestras, exercícios vocais e tratamento psicológico e relatos diários de abuso vocal. Após doze meses, os efeitos positivos continuaram a surgir. Concluiu-se que esse tipo de intervenção, além de viável, é economicamente vantajoso e benéfico para prevenção de problemas vocais em professores.

No caso do Brasil, o país investe um valor muito alto no tratamento de doenças originadas pela utilização inadequada da voz. A estimativa apresentada em 2004 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL *et al.*, 2004), foi de duzentos milhões de reais por ano.

A melhora no bem estar vocal resulta em uma melhora em sala de aula e beneficia os alunos. O professor de Educação Infantil, por exemplo, sofre muito com as consequências do mau uso de sua voz, pois ele tem que cantar muito, e se colocar verbalmente em muitas situações portanto, faz-se necessário aquecer a voz a caminho da escola. Simões (2006), com o intuito de atenuar a constatação de alterações vocais em educadores de creche, sugeriu a análise dos resultados de um programa de intervenção, criado com os educadores, e constatou suas opiniões em relação à voz adequada, avaliou as mudanças após a realização do programa e os fatores ligados a alterações de voz. As educadoras definiram a voz ideal como resistente, clara, agradável e flexível. As 58 participantes foram divididas em grupo experimental e grupo controle e, responderam questionários e participaram de uma avaliação inicial de voz e fala. O programa de intervenção foi desenvolvido junto ao grupo experimental. Ao final do estudo, as educadoras submeteram-se novamente aos mesmos procedimentos de avaliação. O grupo experimental apresentou mudanças positivas e o grupo controle modificações negativas.

Jacarandá (2006), criou um programa de aquecimento vocal, específico para docentes. Dezenove professores de um curso pré-vestibular, sem alteração ou queixa vocal, participaram. Trinta minutos antes de sua primeira aula do dia, os professores preencheram um questionário de voz, gravaram a voz sem aquecer, fizeram os exercícios de aquecimento por 10 minutos, gravaram novamente a voz, foram ministrar suas aulas, e, por fim, gravaram a voz pela terceira vez. Os resultados mostraram que, de acordo com a avaliação perceptivo-auditiva, 63,15% dos sujeitos tiveram melhora após o aquecimento. A análise acústica mostrou que houve um aumento relevante na frequência fundamental (f_0), que ficou mais aguda após aquecimento vocal, e na proporção harmônico-ruído (PHR). De acordo com 86,20% dos professores, o aquecimento vocal causou sensações positivas.

Uma distância significativa separa a produção de conhecimento na área da Fonoaudiologia e sua aplicação. O bom emprego de soluções demanda políticas de promoção de saúde do professor. Leis denominadas de Saúde Vocal do Professor foram aprovadas em diversas instâncias municipais e estaduais, porém não conseguiram ser efetivadas (FERREIRA et al., 2009). As intervenções realizadas (PINTO e FURCK, 1988; THOME DE SOUZA, 1997; PINTO e FURCK, 2001; JACARANDÁ, 2006; BOVO et al., 2006), apesar de terem contribuído para a qualidade vocal dos professores, pois essas leis não produziram um resultado mais abrangente, que contemplasse o país como um todo.

Em sua pesquisa Chor (1999), ressalta a importância da promoção e prevenção da saúde, e para isso, propõe a utilização do conhecimento produzido pela área da Saúde Pública. Ela sugere que profissionais da saúde pública estejam presentes em locais de trabalho e escolas, para dividirem experiências. Além disso, comenta que é preciso favorecer as leis que resguardam e estimam a vida.

Este trabalho não terá sentido se os futuros professores continuarem a desconhecer os cuidados necessários com sua saúde como trabalhador, incluindo a voz. Sendo assim, propõe-se a divulgação desse material para pedagogos e para que eles possam contribuir para a melhoria do bem estar vocal dos alunos dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas em geral. Sugere-se uma disciplina ministrada por um fonoaudiólogo na graduação desses futuros professores. Obviamente, cada aluno é um sujeito diferente e apresenta necessidades diferentes, portanto, caso ele/ela necessite de mais informações ou de uma ação terapêutica, deve ser encaminhado para um trabalho individual com fonoaudiólogo dentro da universidade.

6.1 Considerações Finais

Os participantes desta pesquisa destacaram a importância do bem estar vocal na formação de pedagogos por acreditarem que a voz é um instrumento de trabalho do professor, importante para o exercício profissional. Segundo diversos coordenadores, na maioria das instituições não há programas contínuos dedicados ao bem estar vocal dos futuros professores, há somente ações isoladas. Muitos participantes sugerem que a universidade tenha um fonoaudiólogo para orientar os pedagogos em relação à voz. Entretanto, nenhum dos currículos dos cursos que os participantes desta pesquisa coordenam, apresenta disciplina que discuta essas questões.

Espera-se que os dados desta pesquisas possam subsidiar ações de promoção de saúde e prevenção de alterações de distúrbio de voz, com informações valiosas a respeito da saúde geral e vocal do trabalhador, através da inserção desse conhecimento na grade curricular de cursos de graduação em Pedagogia.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J. G. A violência escolar e a crise da autoridade docente **Cad. CEDES** Campinas, v.19, n.47, dez. 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL *et al* (11 entidades promotoras). **Terceiro Consenso Nacional Sobre Voz Profissional: Voz e Trabalho, Uma Questão de saúde e Direito do Trabalhador**. Rio de Janeiro, 2004. 1 apresentação em Power Point.

ASSUNÇÃO, A. A.; BARRETO, S. M.; MEDEIROS, A. M. Voice Disorders (Dysphonia) in Public School Female Teachers Working in Belo Horizonte: Prevalence and Associated Factors. **Journal of Voice**. Amsterdam, v. 22, p. 667-687, 2007.

ASSUNÇÃO, A. A.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**. Campinas, v.30, n.107, agosto 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302009000200003&script=sci_arttext > Acesso em: 22 dez. 2009.

BEHLAU, M.; DRAGONE, M. L. S. E.; NAGANO L. **A voz que ensina: O professor e a comunicação oral em sala de aula**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2004.

BOVO, R.; GALCERAN, M.; TETRUCCELLI, J.; HARTZOPOULOS, S. Vocal Problems Among Teachers: Evaluation of a Preventive Voice Program. **Journal of Voice**. Amsterdam, v. 21. n. 6, 2006.

BRASIL. **Decreto n 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília (DF), 2005.

BRASIL. Lei número 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 set. 1990. p. 018055.

BRASIL. Ministério da Educação. Brasília, DF. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/> > Acesso em: 23 nov. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Exame médico admissional**. Brasília, DF. Disponível em: < <http://www.ddrh.uff.br/?q=node/117> > Acesso em: 19 dez. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) **Estudo mostra situação do professor brasileiro**. 2003. Brasília, DF. Disponível em: < www.inep.gov.br > Acesso em: 14 jan. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Brasília, DF. Disponível em: < http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/area.cfm?id_area=1342 > Acesso em: 19 dez. 2009.

BRASIL. **NR 17**. 1990. Disponível em: < <http://www.guiatrabalhista.com.br/legislacao/nr/nr17.htm> > Acesso em: 21 dez. 2009.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **NR 5 - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes**. Brasília DF, 1995. Disponível em: < http://www.mte.gov.br/legislacao/normas_regulamentadoras/nr_05.asp > Acesso em: 19 de dezembro de 2009.

CALAS, M.; VERHUIST, J.; LECOQ, M.; DALLEAS, B.; SEILHEAN, M. Vocal pathology of teachers. **Rev Laryngol**. v. 110, p. 397-406, 1989.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR. Coordenadoria de Controle de Doenças. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (CEREST/CCD/SES-SP) **Distúrbios de voz relacionados ao trabalho**. Ano 3. n. 26. Fevereiro, 2006.

CHIEPPE, D. C.; FERREIRA, L. P. A interlocução entre a fonoaudiologia e a docência. **Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, v. 19, n. 2, 2007.

CHOR, D. Saúde pública e mudanças de comportamento: uma questão contemporânea. *Cad. Saúde Pública* [online]. 1999, v.15, n.2 p. 423-425. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1999000200027&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 15 jan. 2010.

CIELO, C. A.; SCHWARZ, K. A voz e as condições de trabalho de professores de cidades pequenas In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia. 2005; Santos, BR. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2005. p.79.

COOPER, M. **Modern techniques of vocal rehabilitation**. Springfield, III, Charles C.Thomas: 1973.

COORDENADORIA DE CONTROLE DE DOENÇAS, SECRETARIA DE ESTADO DE SÃO PAULO. Boletim Epidemiológico Paulista (BEPa), 2009 Disponível em: <http://www.cve.saude.sp.gov.br/agencia/bepa_menu.htm> Acesso em: 22 dez. 2009.

DELCOR, N. S.; ARAÚJO, T. M.; REIS, E. J. F. B. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**. 2004. v 20, n. 1, p. 187-196.

DRAGONE, M. L. S.; GIANNINI, S. P.P.; FERREIRA, L. P. , BEHLAU, M.; SIMÕES-ZENARI, M.; VIEIRA, V. P. **Voz do professor: trajetória de 15 anos de contribuição fonoaudiológica**. 2009. p.2856 Disponível em: <http://www.sbfa.org.br/portal/anais2009/anais_select.php?op=PT&cid=2856&tid=1> Acesso em: 23 dez. 2009.

FANTINI, L. A.; FERREIRA, L. P. Voz do Professor: da multifatoriedade à prevenção. São Paulo: **Revista Distúrbios da Comunicação. São Paulo**, v. 20, n. 3, p. 409-420, dez. 2008.

FERREIRA, L. P. **Voz profissional**: Gerenciamento em grupos. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. Disponível em: <
http://www.sbfa.org.br/portal/anais2009/anais_select.php?op=MR□=&pg=&cid=460&pid=>
 Acesso em: 19 dez. 2009.

FERREIRA, L. P.; ANDRADA E SILVA, M. **Saúde vocal**. São Paulo: Editora Roca, 2002

FERREIRA, L. P.; BEFI-LOPES, D. M.; LIMONGI, S. C. O. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 2004.

FERREIRA, L. P.; GIANNINI, S. P. P.; FIGUEIRA, S.; SILVA, E. E.; KARMANN, D. F.; SOUZA, T. M. T. Condições de Produção Vocal de Professores da Rede do Município de São Paulo. **Distúrbios da Comunicação. São Paulo**, v. 14, n. 2, p. 275-308, jun. 2003.

FERREIRA, L. P.; GIANNINI S. P. P.; LATORRE, M. R. D. O.; ZENARI, M. S. Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: proposta de um instrumento para avaliação de professores. **Distúrbios da Comunicação. São Paulo**, v. 19, n. 1, p. 127-126, abr. 2007.

FERREIRA, L. P.; SERVILHA, E. A. M.; MASSON, M. L. V.; REINALDI, M.; BALDINI, F. M. Políticas Públicas e Voz do Professor: Caracterização das Leis Brasileiras. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. São Paulo**, v. 14, n. 1. p. 1-7, 2009.

FRITZELL, B. Voice Disorders and occupations. **Log Phon Vocal**. v. 21, p. 7-12, 1996.

GAMPEL, D. **Aging and voice**: main characteristics and social repercussion. 2007. Disponível em: <
http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/processaPesquisa.php?nrPagina=1&pesqExecutada=0&

nrExpressoes=4&texto%5B0%5D=deborah+gampel&campo%5B0%5D=AUTOR&grau=QQR&idioma=QQR&dataInicDefesa=&dataFimDefesa=&qtdRegPagina=5&Submit=Buscar > Acesso em: 11 nov. 2007.

GARCIA, Â. A. Vivências corporais vocais: prática preventiva. In: FERREIRA, L. P.; ANDRADA E SILVA, M. A. **Saúde Vocal: Práticas Fonoaudiólogas**. São Paulo. Roca: 2002.

GOTAAS, C. E. **A study of vocal fatigue in teachers** (thesis). The University of Minnesota, 1986.

GOTAAS, C.; STARR, C. D. 1993. Vocal fatigue among teachers. **Folia Phoniatr.** v. 45, n. 9, p. 120-129, 1993.

GREEN, G. Psycho-behavior characteristics of children with vocal nodules: WPBIC ratings. **J Speech Hear Disord.** v. 54, p. 306-312, 1989.

JACARANDÁ, M. B. Aquecimento vocal: os efeitos perceptivo-auditivos, acústicos e as sensações proprioceptivas de uma proposta de intervenção fonoaudiológica junto ao professor. **Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, v. 18, n. 1, 2006.

LABASTIDA, L. On the subject of 150 phoniatic surveys on primary school teachers. **Acta Oto-rhino-laryngol Ibero-Amer.** v. 12, p. 200-203, 1961.

LIMA, M. F. B. ;. **Sintomas Vocais, Alterações da Qualidade Vocal e Laríngea em Professores: Análise de Instrumentos**. 2007. 124 p. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MASSON, M. L. V. Professor, como está sua voz? **Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, v. 13, n. 1, p.175-180, dez 2001.

MATTISKE, J. A.; OATES, J. M.; GREENWOOD, K. M. Vocal Problems Among Teachers: A Review of Prevalence, Causes, Prevention, and Treatment. **Journal of Voice**. Amsterdam, v.12, n. 4, p.489-499, 1998.

MINAYO, C. **A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas**. Caderno de Saúde Pública Rio de Janeiro, 1997. v.13.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

OLIVEIRA, T. C. M.; FIORINI, A. C. **Relações das condições de trabalho, qualidade de vida e percepção da voz em professores do ensino médio da rede municipal de Belo Horizonte**. 2005. Resumo de Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: < http://www.pucsp.br/pos/fonoaudiologia/downloads/defesas/defesas_2005.pdf > Acesso em: 29 set. 2009.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/BRASIL. **Doenças Relacionadas ao Trabalho: Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde**. Série A. Normas e Manuais Técnicos; n. 114. Brasília, DF, 2001.

PINTO, A. M. M.; FURCK, M. A. E. . Projeto Saúde do Professor. In: FERREIRA, L. P. , organizadora. **Trabalhando a voz**. São Paulo: Summus, 1988. p. 11-27.

PINTO, A. M. M.; FURCK, M. A. E. Fonoaudiologia Escolar Junto a um Sistema de Ensino Público. In: FERREIRA L.P. (Org.) **O fonoaudiólogo e a escola**. 4 ed. São Paulo: Plexus, 2001. p. 29-42.

PRETTI, D. **Análise de textos orais: NURC**. São Paulo: Humanitas, 2001.

RODRIGUES, E. P. **A Indisciplina escolar e o ato infracional**. Pontifícia Universidade de Campinas. Campinas: 2006

ROY, N.; MERRILL, R. M.; THIBEAULT, S.; GRAY, S.,G. Voice Disorders in Teachers and the general Population. **J Speech Lang Hear Res**. v.47, p. 542-551, 2004.

SAPIR, S.; KEIDAR, A.; VAN VELZEN. D. Vocal attrition in teachers: survey findings. **Europ J Disord Commun**. v. 28, p. 177-85, 1993.

SERVILHA, E. A. M. Caracterização do perfil vocal em professores do terceiro grau. In: LACERDA, C. B. F.; PANHOCA, I. **Tempo de fonoaudiologia II**. Taubaté, SP: Cabral, 1998. p.95-118.

SERVILHA, E. A. M.; MONTEIRO, A. P. S. Estratégias para obter a atenção discente no contexto universitário: o papel da voz do professor. **Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, v.19, n. 2, p.225-235, agosto 2007.

SIMÕES, M. **Voz de educadoras de creche**: análise dos efeitos de um programa de intervenção fonoaudiológica. 2006. 253 p. Tese (Doutorado em Fonoaudiologia) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SIMÕES, M.; LATORRE, M. R. D. O. Alteração vocal em professores: uma revisão. **Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia**. Curitiba, 2002. p. 127-134.

SMITH, E.; GRAY, S. D.; DOVE, H.; KIRCHNER, L.; HERAS, H. Frequency and effects of teachers' voice problems. **Journal of Voice**. Amsterdam, v. 11, p. 81-97, 1997.

THOME DE SOUZA, T. M. **Um século de cuidados com a voz profissional falada**: a contribuição da fonoaudiologia. 1997. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Programa de

Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

TRONI, C. R.; ARAKAKI, F. N.; LIMA, F. S.; JUNQUEIRA, L. M.; RODRIGUES, K. A.; FERREIRA, L. P. Professores em contexto profissional e não-profissional: análise objetiva e subjetiva dos aspectos de articulação e da postura. **Distúrbios da Comunicação. São Paulo**, v. 18, p. 179-188, 2006.

UNGER, E.; BASTIAN, H. J.; Professional Dysphonias. **Deutsche Gesundheitswesen**. v. 36, p. 1461-1464, 1981.

VASCONCELLOS, C. C. **A reflexão**: um elemento da formação de professores. *Millenium* [periódico online] 2000. Disponível em < <http://www.ipv.pt>> Acesso em 1 de abril de 2008.

VIOLA, I. C.; FERREIRA, L.P. . Estudo descritivo das crenças populares no tratamento das alterações vocais em profissionais da voz. In: **Pró-Fono**. (Org.). Compilação das Teses e Dissertações da Fonoaudiologia. 1 ed. Barueri, v. 3, 2005.

WOLF, A. E. **Limites e possibilidades da reabilitação vocal nas disfonias**. ISSN : 1807-3115 p. 415
Disponível em: <
http://www.sbfa.org.br/portal/anais2009/anais_select.php?op=MR=&pg=&cid=415&pid=>
Acesso em: 22 dez. 2009.

8 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BEHLAU, M.; PONTES, P. **Higiene Vocal: Cuidando da Voz.** 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Revinter, 2001.

BRITO, T. A. **Música Na Educação Infantil.** São Paulo: Editora Peirópolis, 2003.

CUENCA, A. M. B.; ANDRADE, M. T. D.; NORONHA, D. P.; FERAZ, M. L. E. F. Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. **Guia de apresentação de teses.** 2 ed. São Paulo : A Biblioteca, 2008. (online) Disponível em: < <http://www.bvs-sp.fsp.usp.br:8080/html/pt/paginas/guia/home.htm> > Acesso em: 22 dez. 2009.

DRAGONE, M. L. S.; BEHLAU, M. A. Fonoaudiologia Brasileira e a Voz do Professor: olhares científicos no decorrer do tempo. **Rev. Fonoaudiologia Brasil.** v. 4, n. 2, p.1-3, 2006.

FERREIRA, L. P. **Resumo dos Seminários de Voz: A disfonia como doença do trabalho: 1997-2000.** São Paulo, SP. PUC-SP: 2000.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p.67-80.

MJAAVATN, P. E. Voice difficulties among teachers. Paper presented at the XVIII Congress of the International Association of Logopedics and Phoniatrics. Washington, DC, 1980.

SILVANY-NETO, A.; ARAÚJO, T. M.; REIS, E.; KAVALKIEVICZ, C. Condições de Trabalho e Saúde dos Professores da Rede Particular de Ensino de Salvador. Salvador. **Rev Baiana de Saúde Pública.** 2000. p. 42-56.

SIMÕES, M. A voz do professor – histórico da produção científica de fonoaudiólogos brasileiros sobre o uso da voz. In: FERREIRA, L. P.; OLIVEIRA, S. M. R. P. **Voz Profissional** – Produção científica da Fonoaudiologia brasileira. São Paulo, Roca: 2004. p.1-31.

TRENCHÉ, M. C. B. ; BALIEIRO, C. R. . Fonoaudiologia e Inclusão Social. In: FERREIRA, L. P.; BEFI-LOPES, D. M.; LIMONGI, S. C. O. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 2004.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

ANEXOS

Anexo 1 – Aprovação do Comitê de Ética



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 125/2008

Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP

Orientador(a): Profa. Dra. Leslie Piccolotto Ferreira

Autor(a): Leila de Abreu Fantini

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado
Formação do professor: reflexões sobre o lugar que a saúde vocal ocupa na educação

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de 30/06/2008, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº 125/2008.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea "c", do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 30 de junho de 2008.

Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AO PARTICIPANTE
DESTE ESTUDO**

Caro(a) Senhor(a)

Eu, Leila de Abreu Fantini, pedagoga, portadora do CIC 317.830.098-88, RG 43.477.668-3, estabelecida na Rua Serra Formosa, nº 135, CEP 13100-268, na cidade de Campinas, cujo telefone de contato é (19) 3255-4691, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é *A Saúde Vocal na Formação de Professores*.

O objetivo deste estudo é discutir as questões de saúde vocal na formação de professores.

Sua participação proporcionará um melhor conhecimento a respeito do tema de pesquisa, portanto, suas colocações são de extrema importância.

A entrevista constará de apenas três perguntas que deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento e que não determinará qualquer risco ou desconforto. As perguntas devem ocupá-lo(a) por cerca de 15 minutos.

Informo que o Sr(a). tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração sobre a ética da pesquisa, entre em contato com Leila de Abreu Fantini, (19) 8122-7606 ou (19) 3255-4691.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento.

Não existirá despesas ou compensações financeiras relacionadas à sua participação, que será mantida em sigilo.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficiente informado a respeito das informações que foram lidas para mim, descrevendo o estudo *A Saúde Vocal na Formação de Professores*.

Eu discuti com a pedagoga Leila de Abreu Fantini sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Assinatura do entrevistado

_____/_____/_____
Data

Nome:

Endereço:

RG.

Fone: ()

Assinatura da pesquisadora

_____/_____/_____
Data

**TERMO DE COMPROMISSO
DE UTILIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE DADOS**

Eu, Leila de Abreu Fantini, pesquisadora responsável pela pesquisa intitulada *A Saúde Vocal na Formação de Professores*, declaro que conheço e cumprirei as normas vigentes expressas na **Resolução Nº196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde**, e em suas complementares (**Resoluções 240/97, 251/97, 292/99, 303/00 e 304/00 do CNS/MS**), e assumo, neste Termo, o compromisso de, ao utilizar dados e/ou informações coletados no (s) prontuários do (s) sujeito(s) da pesquisa, assegurar a confidencialidade e a privacidade dos mesmos. Assumo ainda neste Termo o compromisso de destinar os dados coletados somente para o projeto ao qual se vinculam. Declaro ainda que os dados da pesquisa ficaram arquivados na instituição da PUC SP.

São Paulo, _____ de _____.

Pesquisador Responsável

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)